



A nobreza cristológica de animais no bestiário medieval: o exemplo do Leão e do Unicórnio

The Christological nobility of animals in the medieval Bestiary: the Lion and the Unicorn examples

Pedro Carlos Louzada FONSECA¹

Resumo: Este artigo examina aspectos da gênese e da evolução do bestiário e sua importância moral e doutrinária para o cristianismo medieval. No decorrer do estudo, é feito um exame analítico e interpretativo em relação a alguns animais que são considerados nobres por seu destacado simbolismo cristológico, nomeadamente o leão e o unicórnio.

Abstract: This article examines aspects of creation and development of the medieval bestiary, and its moral and doctrinal significance for medieval Christianity. In the development of the study, an analytical and interpretative exam is done in relation to some animals which are considered noble due to their outstanding Christological symbolism, namely the lion and the unicorn.

Palavras-chave: bestiário medieval, simbolismo animal, cristologia.

Keywords: medieval bestiary, animal symbolism, Christology.

Um dos aspectos culturais peculiares da Idade Média literária consistiu no aparecimento de ricas e ilustrativas coletâneas de informações e ensinamentos sobre o mundo animal vulgarmente conhecidas como *bestiários*. Espécies de obras pretensamente científicas sobre animais em geral, os bestiários reservavam o termo *besta* para indicar aqueles animais especialmente violentos e ferozes que, acostumados à liberdade da vida natural, eram notados governados por seus próprios instintos (WHITE, 1984: 7).

A partir do pronunciamento bíblico (*GENESIS* 1: 28) e de posicionamentos de vários estudiosos e filósofos, o pensamento medieval preocupou-se em marcar, com maior ou menor nitidez, a separação entre a natureza humana e a animal. Ressoando essa preocupação, Alberto Magno (Albertus Magnus, 1193-1206) estabeleceu, baseado numa curiosa teoria do peso, substância e

¹ Professor Titular de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Goiás. *E-mail:* pfonseca@globo.com

calor corporais, algumas características que ele considerava fundamentais para a definitiva identificação dos animais como seres essencialmente terrestres, diferentes do homem não só em termos da sua constituição física mas também por possuírem as mais elementares propriedades anímicas (ALBERT THE GREAT, 1987, v. 2, bk. 1: 69).

Na ordem dessas idéias, segundo os santos teólogos da Igreja, o que mais distinguia os animais, quando comparados aos seres humanos, resumia-se na ideia da sua violência imotivada e sem objetivo definido. Nesse sentido, São Tomás de Aquino (Thomas Aquinus, 1225-1274) comentou que, mesmo quando o homem se acometia de violência e de brutalidade, tais excessos, aspectos indignos da discreta comedição da sua alma criada à imagem divina, não lhe eram próprios por natureza, uma vez que correspondiam mais à desenfreada natureza selvagem dos animais (AQUINAS, 1947: Q 159, 2: 1845; Q 93, 2: 470).

No século IV, Santo Ambrósio (Ambrosius, c. 339-397), já havia defendido semelhante oposição entre o ser humano e os animais, dizendo que os homens foram criados dotados de razão, ao passo que os animais foram originados por natureza irracionais (1953: 256). Essa ausência de pensamento racional, somada à idéia de negação de uma alma imortal atribuída aos animais, foi associada por São Tomás de Aquino à prescrição bíblica do domínio natural do homem sobre todas as demais criaturas viventes da terra (AQUINAS, 1947: Q 17, 2: 657).

Se, por um lado, todos esses pronunciamentos remetiam à ideia acerca da inferioridade e da incomensurabilidade dos animais em relação ao homem, por outro, as consequências espirituais e ideológicas dessa tradicional postura religiosa receberam uma inversão hermenêutica na epistemologia animal dos bestiários. E isso ocorreu quando, a exemplo da postura agostiniana, os animais, reais ou imaginárias, foram-se tornando investidos, com o correr dos séculos, de significações simbólicas e doutrinárias atribuídas pela Igreja em consonância ao seu ideário anagógico relativo ao plano divino da Criação (WHITE, 1984: 254).

Dessa forma, os bestiários acabaram se tornando perfeitos repositórios dessa vertente da mentalidade religiosa medieval que, sobremaneira preocupada com a salvação da alma humana, podia dificilmente olhar além do horizonte a não ser através das lentes de Deus, as quais faziam transparecer na natureza, assim metafisicamente considerada, os seus vivos exemplos de ensinamento e de edificação moral. No tocante à existência dos animais, o posicionamento

bíblico do *Livro de Job* sobre essa teleologia ensinadora era constantemente lembrado (*JOB*, 12: 7-8).

Mesmo nos casos em que o material fictício, fabuloso ou imaginário dos bestiários se alargava para abranger criaturas anômalas, ou mesmo perversidades da natureza, ainda assim, tais aspectos do estranho e do exotismo teratológico cumpriam, no reino animal do cristianismo – quer na condição de defeitos de nascimentos individuais, quer no caso de raças monstruosas, humanas ou não, habitantes de remotas regiões do globo –, uma função ideológica ou mesmo doutrinária.

Tal função resumia-se na explicação de que a onisciência e onipotência divinas podiam – por suas próprias razões, não desvendáveis pela sabedoria secular do homem –, interferir na ordem natural da existência das espécies viventes, originalmente criadas por Deus, a fim de demonstrar à humanidade, alertando-a, o seu infinito, maravilhoso e renovado poder genésico (FRIEDMAN, 1981: 3). Ainda mais: para a idéia de harmonia cósmica, bastante cara à cosmogonia religiosa medieval, tais realidades animais de exceção à ordem natural das coisas criadas por Deus faziam, em consonância e atendimento àquele insondável plano do Criador, perfeito sentido no coro universal da Criação (FONSECA, 1996: 106).

Apesar da forte presença desse substrato religioso de ascendência cristã, contido em muitas das figuralidades e representações alegóricas referentes à compostura física e comportamental dos animais enquadrados nos bestiários, não se deve supor que muito do conteúdo informativo desses livros tenha feito *tabula rasa* à sabedoria e ao conhecimento herdados de antigas culturas pagãs.

Na verdade, na composição do conhecimento medieval, não só sobre os animais (tal como nos bestiários), mas também sobre a natureza em geral, a chamada *auctoritas formula* (LEWIS, 1980: 4-8, 113-14), quando utilizada para se referir aos progressos da ciência e da intelectualidade, nunca deixou verdadeiramente de considerar – ao lado dos pensadores e intelectuais da Idade Média, principalmente patrísticos –, o grande avanço intelectual e filosófico que os mestres da antiguidade clássica haviam, em seu tempo, conseguido. Antes, o que na realidade se verificava era uma adaptação de antigas formulações e descobertas ocorridas no âmbito da civilização greco-romana, a serviço das necessidades medievais, principalmente aquelas suscitadas pela sua cosmovisão religiosa.

Apesar desse valor e consideração dados às conquistas do espírito de investigação científica e objetiva dos antigos, o que parecia identificar o conhecimento medieval era uma relativa ‘desmotivação’ mental dos seus filósofos e intelectuais em aproximarem-se da natureza de maneira mais objetiva e independente da sua relação teológica com o enigma da Criação e da sua teleologia direcionada ao benefício e à formação espiritual do homem. Isto havia resultado na concepção do mundo natural como uma fonte hieroglífica, verdadeiramente inesgotável, da manifestação, nos seres da natureza, dos auspícios reveladores da sabedoria divina (WHITE, 1984: 244).

Desse modo, a natureza e as suas variadas espécies de criaturas foram concebidas como indubitáveis mananciais de exemplos e de lições morais, cujos ensinamentos – cifrados por figuralidades retóricas, metafóricas, alegóricas e simbólicas, que relacionavam aspectos da realidade física a entendimentos metafísicos (ERICKSON, 1976: 27) –, deveriam servir como proveito para a formação moral e espiritual do homem, principalmente no estado não virtuoso em que se encontrava, decaído pela transgressão do Pecado Original. Essa visão ‘finalista’ da mentalidade medieval dava à natureza um valor pragmático praticamente heurístico.

De acordo com as idiossincrasias dessa cosmovisão, não é de se admirar que as histórias naturais da Idade Média nada, ou muito pouco, tinham de propriamente científico. Explica essa conclusão o fato de – com o propósito de apreenderem as causas e os efeitos primordiais da natureza, dos seus seres e fenômenos –, os pensadores medievais apoiarem-se normalmente mais em discussões filosóficas e teóricas, de cunho abstrato e generalizante, do que na observação imediata e na experiência empírica. Resultado dessas indagações metafísicas, baseadas em aproximações indiretas e analógicas, foi a presença, nessas histórias naturais, de uma vasta e rica quantidade de elucubrações simbólicas de cunho teofânico (DAVY, 1964: 150), as quais conviviam confortavelmente, quando certas guinadas ocorriam em direção a explicações mais científicas, com descrições de cunho mais ‘naturalista’ da realidade.

No tocante aos animais, ao lado da representação daqueles que eram realmente conhecidos, as histórias naturais e a protéica zoologia dos bestiários medievais comportavam descrições de animais exóticos, fabulosos e fictícios. A pretensa e projetada realidade dessas criaturas maravilhosas e prodigiosas reanimava-se, constantemente alimentada, por histórias e relatos antigos, ou mesmo ocorridos durante a Idade Média, plausivelmente verídicos ou totalmente fantasiosos, de viajantes e exploradores de longínquas plagas do globo, nunca antes visitadas pelos europeus.

Foi dessa maneira que unicórnios, aves fênix, grifos, cinocéfalos – e um verdadeiro contingente de seres e de espécies admiráveis por sua excepcionalidade natural e sobrenatural – acabaram por fornecer novas ‘realidades’ ao homem medieval, não apenas à sua disposição para o fabuloso, mas também à sua realidade livresca, cosmográfica, cartográfica e outras obras da cultura da Idade Média.

Apesar das variadas disposições mentais e intelectuais manifestas durante o longo período histórico abrangido pela Idade Média, o que recorrentemente caracterizou a visão medieval foi aquela disposição para entender, de forma teológica, a criação da natureza e das suas exemplaridades simbólicas, a exemplo, dentre outros livros dedicados ao estudo do universo natural e dos seus seres, do *Natura rerum* (685), do abade Beda (672-735) e o *De divisione naturae* de João Escoto Erígena (Johannes Scotus Eriugena, ca. 815-877), um dos mais influentes pensadores e cosmógrafos da época (CLAIR, 1967: 12). Tal enfoque teológico era realmente importante não só nesse domínio filosófico e livresco. Abarcava também a compreensão de quase todos os aspectos da vida humana, onde a esfera do profano, penetrada pela superveniência religiosa, recebia as suas mais ultimadas explicações e finalidades (HUIZINGA, 1954: 152).

Dessa forma, não vacilavam os medievais em considerar a natureza como uma representação emblemática, à qual devia recorrer-se a humanidade crente em busca de virtudes ideais, divinamente instruídas, as quais pudessem proporcionar-lhe, por meio de simbólicos exemplos vivos, uma edificação moral e espiritual mais tangível. Principalmente para os místicos, em constante refúgio na natureza, a sua realidade era uma espécie de iniciação e de aprendizado, a ponto de São Bernardo de Claraval (Bernard de Clairvaux, 1090-1153) ter declarado que aprendia muito mais nos bosques do que nos livros. Dessa forma, a natureza era configurada, no dizer de Honorio de Autun (Honorius Augustodunensis, ?-ca. 1151) como uma perpétua teofania (DAVY, 1964: 153-54).

Para a difusão dessa epistemologia do divino nos estudos e na percepção da natureza muito contribuíram, como fonte ligada ao gosto e ao conhecimento mais popular da natureza, os livros bestiários, cuja gênese, elaboração e desenvolvimento, como gênero, aconteceram de modo lentamente evolutivo. Isto porque, a crítica genealógica considera que tais livros tiveram a sua evolução a partir de certa fidelidade na reprodução dos conteúdos e dos propósitos do seu protótipo matricial, uma peculiar e sumária compilação, tipo de anotações rascunhadas de escritos sobre animais – com os seus

correspondentes simbolismos teológicos, de fundo abstraidamente ético –, conhecida como *Physiologus*, título que, tradicional, mas imprecisamente, foi traduzido por *O Naturalista*.

A primeira notícia que se tem desse protótipo parece ter sido do século V, quando foi citado por Rufinus de Aquileia (Rufinus Aqueleiensis, ca. 340-410). Embora o seu valor literário seja praticamente inexistente – e, na melhor das hipóteses, questionável a sua importância como material científico –, a influência e a popularidade do *Physiologus* permaneceram inalteradas até quase o final da Idade Média, sendo a sua fama e influência só comparáveis às da Bíblia (COOK, 1921: iv).

Apesar da imensa popularidade desse protótipo dos bestiários, o conhecimento da sua origem permanece obscuro até os dias atuais. Tem-se geralmente acordado que o livro, baseado num exemplar grego, que teria se perdido, originou-se na (ou nas proximidades da) Alexandria no século II. Lança certa luz sobre esse problema de autoria e de local de origem do livro, o fato, tido por assentado, que uma pessoa anônima, apelidada “O *Physiologus*”, aparecera entre os séculos II e V, provavelmente no Egito, e teria escrito um livro sobre animais, possivelmente em grego, o qual tinha conseguido sucesso imediato (BENTON, 1992: 69).

Na sua forma original, o *Physiologus* era, sobretudo, uma modesta compilação de metáforas com a finalidade precípua de edificação moral consonante aos preceitos bíblicos (CLAIR, 1967: 13). Com o correr dos tempos, fontes de valores teísticos adicionais, de procedência patrística, foram acrescentadas a essas referências bíblicas originais, tais como, o *Hexameron*, de Santo Ambrósio (Aurelianus Ambrosius, 340-397) e as *Etymologiae* [Etimologias], de Santo Isidoro de Sevilha (Isidorus Hispalensis, ca. 560-636), consideradas o livro autoritativo por excelência da Idade Média cristã.

A transição da forma do *Physiologus* para o que viria a se constituir como literatura bestiária não se verificou muito claramente em termos de composição de gênero. Isto porque parece ser consenso geral o fato de não poder ser reconhecida, com exatidão demonstrável, a época em que o *Physiologus*, retransformando-se nas suas características próprias, se tornou efetivamente na prosa diferenciada do que seria identificado mais tarde como livros bestiários. Se, por um lado, é praticamente impossível estabelecer-se um limite preciso, no que concerne à transição, em termos genéricos, do *Physiologus* para o protótipo ou protótipos dos bestiários, por outro, é acordo comum, entre os estudiosos do assunto, o fato de essas duas modalidades

literárias apresentarem-se caracterizadas, pelo menos empiricamente, por diferenças básicas que particularmente as identificavam.

A primeira dessas diferenças diz respeito à extensão, visto que é fato observável que os bestiários haviam se expandido muito além do *Physiologus*, acrescentando aos seus 49 capítulos originais uma enorme quantidade de informações adicionais, de modo que não era incomum serem encontrados bestiários contendo mais de 150 verbetes sobre os mais variados animais. Outra diferença consiste em os bestiários se apresentarem normalmente ilustrados, ao passo que o *Physiologus* originalmente não continha ilustração. Finalmente, no rol dessas diferenças palpáveis, os bestiários se distinguiam por uma maneira especial no que respeitava ao tratamento do seu assunto.

Enquanto que, no *Physiologus*, as interpretações relativas aos animais eram de natureza mais teológica, nos bestiários, tais interpretações caracterizavam-se por seu aspecto mais ético e moral (GAZDARU, 1971: 269). Essa intenção moralista dos bestiários cumpria, evidentemente, uma finalidade marcadamente doutrinária sob o ponto de vista religioso. Daí a presença de certa manipulação retórica que, utilizada para a garantia da eficácia dos exemplos, revelava o comprometimento que os bestiários, mais acentuado do que no *Physiologus*, demonstraram possuir com o didatismo (CLARK et al., 1989: 3).

Durante toda a Idade Média existiram, basicamente, dois tipos de bestiários: os de versão latina, luxuosamente confeccionados, e os de versão vernacular, mais modestos. Enquanto que os bestiários latinos atingiram o seu auge de produção nos séculos XII e XIII, os vernaculares, atendendo à demanda popular, continuaram a existir até o século XV, passando, continuamente, por constantes mudanças sofridas na forma e na maneira de apresentação do seu conteúdo. Apesar dessas mudanças – que têm a ver, sobretudo, com manipulações de motivos e de características concernentes às criaturas descritas, acumulados com o acréscimo de comentários constantemente adicionados por estudiosos do assunto –, é realmente surpreendente verificar-se o quão relativamente pouco o conteúdo propriamente dito dos bestiários, isto é, o seu elenco costumeiro de criaturas, evoluiu durante todo o período medieval.

Talvez uma das razões para explicar essa ‘estagnação’, fosse o fato de os bestiários apresentarem-se, dados os seus propósitos ideários, desafeitos a descobertas científicas possivelmente verificadas no campo da zoologia. Nesse sentido, os bestiários perderam, propositadamente, a possibilidade de se

tornarem matéria zoológica estritamente científica e verificável, mantendo, em compensação, grande valor e significação no domínio da dogmática cristã.

Com o correr dos tempos, os bestiários foram perdendo a sua retórica 'finalista' dogmática e doutrinária, encaminhando-se para uma relativa independência estética e literária. Nessa direção, a realidade dos fatos naturais – considerada, na tradição bestiária, como uma teleologia em função do tratamento de assuntos relacionados à moralística cristã –, passava a ser vista de maneira mais desinteressada. Situava-se mais próxima das vicissitudes e das nuances concretas e temporais da realidade secularmente perspectivada, numa direção característica da aproximação dos tempos modernos (GAZDARU, 1971: 269; MACCULLOCH, 1962: 59).

Entretanto, apesar dessas moralizações parecerem excessivamente doutrinárias, a singeleza, o charme, a compaixão e a simpatia, com que muitas delas tratavam alegoricamente os animais, os aproximavam de certa ternura condizente com os sentimentos humanos, tocando, bastante de perto, o coração. Havia nelas certa gentileza de maneira e uma esperançosa bondade que, mesmo quando as censuras lembravam promessas infernais a casos sobre os quais a natureza e o comportamento de certos animais iníquos (pecaminosos *contra natura* e corrompedores da moral) pudessem influir, como ensinamentos naturais, na desejável edificação moral do homem de bem cristão, mesmo assim tais promessas não tinham um teor propriamente tormentoso, a exemplo das danações dantescas (WHITE, 1984: 246-47).

Na história do gosto receptivo dos bestiários, as ilustrações textuais foram um fator de vital importância para a sua popularidade porque concretizavam vivamente as descrições que, por vezes, eram demasiado cifradas ou referiam-se a animais desconhecidos, quer pelo seu exotismo, quer por sua realidade totalmente compósita, imaginária ou fabulosa.

Os bestiários constituíram um dos gêneros informativos sobre os animais mais apreciados durante toda a Idade Média, não obstante (ou talvez devido) o seu conteúdo simbólico-figurativo que, apesar do seu comprometimento doutrinário, baseava-se, com grande satisfação para uma sociedade fechada no comezinho da sua parca existência diária, em compensatórias construções do imaginário. Apesar dessa visível apreciação pelos livros bestiários, a sua influência, disseminada em outras representações artísticas, foi alvo, vez ou outra, de críticas restritivas, curiosamente vindas da própria religião, a cujos propósitos tais livros notadamente demonstravam servir.

Tal foi o caso da crítica de São Bernardo que – censurando a inconveniente presença ornamental, nociva à devoção e à piedade dos religiosos em recolhimento e prece, de exageradas criaturas monstruosas esculpidas nos claustros dos conventos e mosteiros, evidentemente sugeridas pelos bestiários – comentou, derogatoriamente cáustico, sobre a inutilidade desse alastrado gosto pela mentira imaginária (Eco, 1986: 7-8). Apesar de restrições como essa, nada impedia que as estranhezas animais das bestiários continuassem a povoar, fascinadamente, as suas páginas.

Independentemente de os animais serem normais ou anormais, os bestiários seguiam, basicamente, um mesmo procedimento comum para representação desses tipos de criaturas: uma descrição física e habitual seguida por uma correspondente moralização (BENTON, 1992: 71-72). Tal moralização baseava-se, por vezes, em analogias entre o significado etimológico do nome do animal, a sua realidade material, real ou imaginária, e a sua derivativa interpretação simbólica, sendo que, em certos casos, tais analogias, evidentemente metafóricas e alegóricas, eram totalmente arbitrárias, sem a menor relação de referencialidade. Todavia, sempre presente na retratação dos animais encontrava-se a sua interpretação simbólica de cunho moralista intimamente ligado à doutrina religiosa.

Relativamente a cada animal existia uma lição moral a ser apreendida, em virtude da qual os fatos da realidade natural eram frequentemente torcidos ou retrabalhados a fim de que a moralização fosse transmitida da maneira mais clara possível, usualmente em detrimento das verdades que as ciências naturais poderiam proporcionar em termos de conhecimento mais lógico e concreto da realidade.

Um bom exemplo dessa situação era o caso da doninha. Numa versão bestiária do século XII, certas opiniões frontalmente divergentes a respeito dos hábitos empíricos de procriação desse animal eram, todavia, bastante congruentes para a lógica das explicações moralizantes que a imagem simbólica dessa criatura possuía na mentalidade cristianizada do homem medieval (WHITE, 1984: 93).

Se, por um lado, o espírito a-científico dos bestiários não se preocupava em classificar os animais numa ordem de importância hierárquica que considerasse o grau de evolução das espécies, por outro, essa indefinição estava de acordo com fundamentos teológicos, pois para a cosmovisão medieval todos os animais eram igualmente importantes, desde os mais corriqueiros e aparentemente insignificantes pela sua vulgaridade até os mais

enigmática e simbolicamente reveladores por sua prodigiosidade ou portentosidade. Todos tinham sido igualmente criados por Deus, possuindo cada espécie seu próprio desígnio, obedecendo, dessa forma, à secreta vontade e onisciência do Criador. Assim, todos os tipos de animais, ínfimos ou superiores, normais ou monstruosos, cumpriam uma função específica na natureza.

O somatório dessas funções, consideradas a importância e a necessidade de cada uma delas, revelava, em termos de conjunto, aos olhos dos medievais, a imagem da natureza como uma construção arquitetônica regida pelo princípio da ordem e da harmonia divinamente inspiradas. Entretanto, quando o animal dava ensejo a tratamento de matéria com ordem de relevância fundamental para certos assuntos e artigos de crença religiosa, uma hierarquia se estabelecia em termos ideológicos. Nesse sentido, um dos casos de maior destaque consistia no tratamento mais elaborado, em termos simbólicos e idealizados, de animais, cuja natureza e comportamento favoreciam uma analogização cristológica.

Assim, continuando a tradição das diversas versões do *Physiologus*, os bestiários sempre reservavam um lugar de honra para o leão, rei dos animais. Usualmente, iniciavam o compêndio das suas criaturas pela sua figura. Em nenhum outro animal dos bestiários, comprometidos com a moralização e a doutrinação cristãs, a posição de nobreza hierática e emblemática do leão foi tão completamente instruída para corresponder simbolicamente aos conteúdos mais caros da fé cristã, dentre eles a soberana teofania da ressurreição de Cristo (BENTON, 1992: 85).

Apesar da vasta quantidade de fontes bestiárias disponíveis, nas quais essa posição de nobreza hegemônica do leão pode ser conferida de forma bastante consistente, pode-se considerar, a exemplo do que faz Umberto Eco, como exemplar e de maior abrangência, a retratação que o chamado bestiário de Cambridge faz desse animal. Sobre o assunto, Eco comenta sobre o caráter enciclopédico desse bestiário (1989: 88).

Assim, para os propósitos deste estudo acerca da representação da nobreza cristológica de animais no bestiário medieval, foi utilizada, para considerar a figura do leão e do unicórnio, as referências a esses animais contidas naquele bestiário de Cambridge, na tradução *The Book of Beasts* [Livro das Bestas] (1984), editada e comentada por T. H. White. O manuscrito do referido bestiário latino, datado do século XII, encontra-se atualmente preservado na Biblioteca de Cambridge (Inglaterra), listado como MS li. 4. 26. Sobreleva a

escolha dessa edição de White o fato de ela ser feita com base na idônea reprodução do códice feita por M. R. James em 1928.

A descrição do leão no bestiário de Cambridge a seguir, apesar de longa, merece ser transcrita na íntegra para que possam ser examinadas as propriedades da natureza do animal, as quais foram consideradas de forma anagógica para representar formas simbólicas do seu tratamento cristológico:

LEO the Lion, mightiest of beasts, will stand up to anybody. . . . The name 'Lion' (*Leō*) has been turned into Latin from a Greek root, for it is called '*leon*' in Greek – but this is a muddled name, partly corrupted, since 'leon' has also being translated as 'king' from Greek into Latin, owing to the fact that is the Prince of All Animals. They say that the litters of these creatures come in threes. The short ones with curly manes are peaceful; the tall ones with plain hair are fierce. The nature of their brows and tail-tufts is an index to their disposition. Their courage is seated in their hearts, while their constancy is in their heads. They fear the creaking of wheels, but are frightened by fires even so much. A Lion, proud in the strength of this own nature, knows not how to mingle his ferocity with all and sundry, but, like the king he is, disdains to have a lot of diffent wives. Scientists say that Leo has three principal characteristics. His first feature is that he loves to saunter on the tops of mountains. Then, if he should happen to be pursued by hunting men, the smell of the hunters reaches up to him, and he disguises his spoor behind him with his tail. Thus the sportsmen cannot track him. It was in this way that our Saviour (i.e., the Spiritual Lion of the Tribe of Judah, the Rod of Jesse, the Lord of Lords, the Son f God) once hid the spoor of his love in the high places, until, being sent by the Father, he came down into the womb of the Virgin and saved the human race which had perished. Ignorant of the fact that his spoor could be concealed, the Devil (i.e., the hunter of humankind) dared to pursue him with Temptations like a mere man. Even the angels themselves who were on high, not recognizing his spoor, said to those who were going up with him when he ascended to his reward: 'Who is this King of Glory?' The Lion's second nature is, that when he sleeps, he seems to keep his eyes open. In this very way, Our Lord also, while sleeping in the body, was buried after being crucified – yet his Godhead was awake. As it is said in the *Song of Songs*, 'I am asleep but my heart is awake', or, in the Psalm, 'Behold, he that keepth Israel shall neither slumber nor sleep.' The third feature is this, that when a lioness gives birth to her cubs, she brings them forth dead and lays them up lifeless for three days – until their father, coming on the third day, breathes in their faces and makes them alive. Just so did the Father Omnipotent raise Our Lord Jesus Christ from the dead on the third Day. Quoth Jacob: 'He shall sleep like a Lion, and the lion's whelp shall be raised.' So far as their relations with men are concerned, the nature of lions is that they do not angry unless they are wounded. Any decent human ought to pay attention to this. For men do get angry when they are not wounded, and they oppress the innocent although the law of Christ bids them to let even the guilty go free. The compassion of lions, on the contrary, is clear from innumerable examples – for they spare the prostrate; they allow such

captives as they come across to go back to their own country; they prey on men rather than on women, and they do not kill children except when they are very hungry. Furthermore, lions abstain from over-eating: in the first place, because they only take food and drink on alternate days – and frequently, if digestion has not followed, they are even in the habit of putting off the day for dinner. In the second place, they pop their paws carefully into their mouths and pull out the meat of their own accord, when they have eaten too much. Indeed, when they have to run away from somebody, they perform the same action if they are full up. Lack of teeth is a sign of age in lions (1984: 7-9).²

Conforme pode ser observado nos termos da descrição do leão acima, as referências à sua realeza nominalizam-se não só através da palavra *rei*, mas também através de atributos próprios ao estado de majestade, tais como, coragem no coração, firmeza em sua cabeça, orgulho da força da sua própria natureza, não mistura de sua ferocidade com tudo e todos, desdenho em ter

² Tradução livre: “LEO, o leão, a mais poderosa das bestas, destaca-se sobre todos. . . . O nome ‘Leão’ (*leo*) foi vertido para o latim de uma raiz grega, porque é chamado ‘*leoi*’ em grego – mas esse é um nome confuso, parcialmente corrompido, uma vez que ‘leon’ tem sido também traduzido, do grego para o latim, por ‘rei’, devido ao fato de que ele é o Príncipe de Todos os Animais. Eles dizem que as ninhadas destas criaturas nascem de três. Os menores, com juba ondulada, são pacíficos; os maiores, com pelos lisos, são ferozes. O aspecto das suas fronteiras e dos seus tufo das caudas são um sinal das disposições deles. A coragem deles está localizada nos seus corações, enquanto que a sua firmeza está nas suas cabeças. Eles temem o ranger das rodas, mas são ainda mais amedrontados por fogos. Um leão, vaidoso da força da sua própria natureza, não sabe como misturar a sua ferocidade com tudo e todos, mas, como rei que ele é, desdenha ter um punhado de diferentes esposas. Cientistas dizem que o Leo tem três características principais. A primeira característica é que ele ama passear no topo das montanhas. Então, se acontece de ele ser perseguido por caçadores, o cheiro dos caçadores o alcança, e ele disfarça os seus rastros atrás dele com a sua cauda. Daí, os caçadores não podem rastreá-lo. Foi desta forma que o nosso Salvador (i.e., o Leão Espiritual da Tribo de Judá, o Cajado de Jessé, o Senhor dos Senhores, o Filho de Deus) certa vez ocultou o rasto do seu amor em altos lugares, até que, sendo enviado por seu Pai, desceu no ventre da Virgem Maria e salvou a raça humana que estava perigando. Ignorante do fato de que o seu rasto podia ser ocultado, o Demônio (i.e., o caçador da humanidade) se atreveu a persegui-lo com tentações como a um mero homem. Mesmo os próprios anjos que estavam no alto, não reconhecendo o seu rasto, disseram para aqueles que estavam subindo com ele quando ele ascendeu para a sua recompensa: ‘Quem é este Rei da Glória?’ A segunda característica do leão é que, quando ele dorme, parece que ele mantém os seus olhos abertos. Desta mesma maneira, Nosso Senhor também, enquanto dormindo no corpo, foi sepultado depois de ser crucificado – todavia a sua Cabeça Divina estava desperta. Conforme é dito no Cântico dos Cânticos, ‘Eu estou dormindo e meu coração está acordado’, ou, no Salmo ‘Veja, aquele que mantém Israel não deve nem descansar nem dormir.’ A terceira característica é que, quando a leoa dá cria de seus filhotes, ela os pare mortos e deita-os sem vida por três dias – até que o pai deles, vindo no terceiro dia, respira em suas faces e os faz viver. Da mesma forma, o Pai Onipotente ressuscitou Nosso Senhor dos mortos no terceiro dia. Disse Jacó: ‘Ele deverá dormir como um leão, e o filhote do leão deverá levantar-se.’ Quanto às suas relações com os homens, a natureza do leão é que eles não ficam raivosos, a menos que eles sejam feridos. Qualquer homem decente deve prestar atenção nisso. Porque os homens ficam raivosos quando eles não são feridos, e eles oprimem os inocentes, embora a lei de Cristo os comande libertar mesmo os culpados. A compaixão dos leões, pelo contrário, é evidente em inúmeros exemplos – porque eles poupam os debilitados; eles permitem que tais prisioneiros, quando cruzam seu caminho, retornem ao seu próprio país; eles atacam mais os homens do que as mulheres; e eles não matam as crianças, exceto quando estão muito famintos. Ainda mais, os leões se abstêm de comer em excesso: em primeiro lugar porque eles somente comem e bebem em dias alternados – e frequentemente, se a digestão não acontece, eles têm ainda o hábito de desistir do jantar. Em segundo lugar, eles colocam as suas garras cuidadosamente dentro das suas bocas e retiram a carne por vontade própria, quando eles comem em demasia. Na verdade, quando eles têm de fugir de alguém, eles fazem a mesma ação, se eles se sentem cheios. Falta de dentes é um sinal de velhice nos leões.”

diferentes esposas, temperança e ausência de irascibilidade, misericórdia para com os pequeninos e culpados, comedição reparadora do pecado da gula e do excesso. Tais características evidenciavam, de forma clara, senão qualidades desejáveis a um monarca cristão medieval – segundo o *topos* do rei como *vicarius dei* (intermediário de Deus) –, o verdadeiro rei de todos os tempos, Jesus Cristo.

Entretanto, é na descrição do leão no bestiário que tais marcas de realeza se figurizam simbolicamente para indicar a nobreza espiritual de Cristo, o único e verdadeiro Rei da Glória. E tal nobreza consistia na onisciência e na onipotência teológicas, de recorrência bíblica, para combater o Mal, inimigo da humanidade.

Para tanto, esse leão crístico-rei possuía três propriedades essenciais em sua natureza: (1) estava sempre escondendo, no mais alto, da perseguição do Mal, as pegadas do seu amor, até ser chamado pelo Pai para encarnar na figura do Filho Salvador; (2) não descuidava nunca do seu povo, mesmo no sono da morte como crucificado, porque estava sempre desperto como espírito divino; (3) despertava os filhos nascidos mortos insuflando-lhes, no terceiro dia, o sopro da vida, assim como o Pai chamou o Filho para ressuscitar três dias após a sua morte.

Imagem 1



Leão usando uma coroa para indicar que ele era o rei dos animais (França, ca. 1450).

Fonte: ANÔNIMO. Museum Meermanno, Hague, Netherlands, MMW, 10 B 25, folio 1r.

Já se comentou nesse estudo que o bestiário de Cambridge se singulariza por apresentar uma consideração bastante completa acerca leão, em todas as suas qualidades e atributos concebidos pela cristandade medieval para caracterizar

o animal. Entretanto, a fim de se demonstrar o quão as diversas características desse animal régio foram tratadas pelos diferentes bestiários e em alguns casos do *Physiologus*, alguns exemplos dessas características merecem ser referidos em destaque que delas fazem os diferentes manuscritos.

Por ser o rei dos animais, o leão possuía uma estilização majestosa, vaidosa e pose heráldica, andando sempre no topo dos montes com o seu aspecto feroz: Bestiary (princípio do século XIV), Bibliothèque Nationale de France, lat. 10448, folio 118v); Bestiaire (século XIII), Bibliothèque Nationale de France, lat. 6838B, folio 1r; *The Ashmole Bestiary* (princípio do século XIII), Bodleian Library, MS Ashmole 1511, folio 10v; Bestiary (ca. 1190, 1200), British Library, Sloane MS 1975, folio 80v; *Livre de Propriétés des Choses*, de Bartholomaeus Anglicus (século XV), Huntington Library, HM 27523, folio 228r; Bestiaire (ca. 1450), Museum Meermannno, MMW, 10 B 25, folio 1r.

Imagem 2



Um feroz leão macho (Flanders, ca. 1350). Fonte: JACOB VAN MAERLANT, *Der Naturen Bloeme*. Koninklijke Bibliotheek, Hague, Netherlands, KB, KA 16, folio 60r.

O aspecto de ferocidade do leão se manifestava de forma bastante expressiva na sua cara ou frente, bem como na sua postura agressiva: Bestiary (terceiro quartel do século XIII), Bibliothèque Nationale de France, lat. 3630, folio 75r; *Der Naturen Bloeme*, de Jacob van Maerlant (ca. 1350), Koninklijke Bibliotheek, KB, KA 16, folio 60r; *Herbarius / De medicamentis ex animalibus*, de Pseudo-Apuleius / Sextus Placitus (ca. 900-1000), Museum Meermannno, MMW, 10 D 7, folio 87r.

Imagem 3



O leão era dito apagar os seus próprios rastros com a sua cauda (França, séculos XIII-XIV). Fonte: RICHARD DE FOURNIVAL, *Bestiaire d'Amour*. Bibliothèque Nationale de France, Paris, fr. 1951, folio 17r.

A inteligência do leão se destacava por sua sábia precaução em apagar os seus rastros, a fim de evitar a perseguição do inimigo, principalmente quando se recolhia em altos redutos de sua preferência: *Bestiaire d'Amour*, de Richard de Fournival (séculos XIII-XIV), Bibliothèque Nationale de France, fr. 1951, folio 17r; *The Queen Mary Psalter* (ca. 1310-1320), British Library, Royal MS 2 B. vii, folio 85v; *The Bern Physiologus* (ca. 825-850), Burgerbibliothek Bern, Codex Bongarsianus 318, folio 7v; *Bestiarie*, de Phillippe de Thaon (ca. 1300), Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 3466 8º, folio 8r, 13v; *Bestiaire de Philippe de Thaon* (século XIII), Merton College Library, MS 249, folio 2r; *Sancti Patris nostri Epiphanii, episcopi Constantiae Cypri, Ad Physiologum*, p. 1.

Imagem 4



O leão dormia, precavidamente, com os olhos abertos (França, séculos XIII e XIV). Fonte: RICHARD DE FOURNIVAL, *Bestiaire d'Amour*. Bibliothèque Nationale de France, Paris, fr. 1951, folio 32r.

O leão significava a vigilância precavida por dormir com os seus olhos sempre abertos, protegendo-se a si e aos seus do inimigo: *Bestiaire d'Amour*, de Richard de Fournival (séculos XIII e XIV), Bibliothèque Nationale de France, fr. 1951, folio 32r; *Rochester Bestiary* (ca. 1230), British Library, Royal MS 12 F. xiii, folio 4r; *The Queen Mary Psalter* (ca. 1310-1320), British Library, Royal MS 2 B. vii, folio 86r; *Bestiarius - Bestiary of Ann Walsh* (século XV), Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 1633 4º, folio 1v.

Imagem 5



Leão conferia vida aos filhotes nascidos mortos por meio de lambidelas. (Inglaterra, ca. 1200-1210). Fonte: ANÔNIMO. British Library, London, England, Royal MS 12 C. xix, Folio 6r.

O leão destacava, primordialmente, por seu dom de dar a vida aos filhotes nascidos mortos, quer por meio do seu rugido, sopro ou lambidelas: *Bestiary of Guillaume Le Clerc* (fim do século XIII), Bibliothèque Nationale de France, fr. 14444b, folio 241v; *The Ashmole Bestiary* (princípio do século XIII), Bodleian Library, MS Ashmole 1511, folio 10r, 10v; *Bestiary* (ca. 1110-1130), Bodleian Library, MS Laud Misc. 247, folio 139v; *Percy Psalter* (ca. 1280-1290), British Library, Additional MS 70000, folio 39v; *Bestiary* (ca. 1200-1210), British Library, Royal MS 12 C. xix, folio 6r); *Bestiaire d'Amour*, de Richard de Fournival (séculos XIII e XIV), Bibliothèque Nationale de France, fr. 1951, folio 18 r; *The Queen Mary Psalter* (ca. 1310-1320), British Library, Royal MS 2 B. vii, folio 86v; *Bestiaire* (século XIII), British Library, Sloane MS 3544, folio 1r; *Bestiary / Aviarium*, de Hugo de Fouilloy (1270), J. Paul Getty Museum, MS Ludwig XV 3, folio 68r; *Bestiarius - Bestiary of Ann Walsh* (século XV), Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 1633 4º, folio 1v; *Bestiaire*, de Philippe de Thaon, Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 3466 8º, folio 14r; *The Workshop Bestiary* (ca. 1185), Morgan Library, MS M.81, folio 8r; *Bestiary* (século XII),

Rossiiskaia Natsionalnaia Biblioteka, Q.v.V. 1, folio 9r; *Sancti Patris nostri Epiphanii, episcopi Constantiae Cypri, Ad Physiologum*, p. 5).

Imagem 6



Era digna a compaixão do leão pelos cativos, fracos e oprimidos (Inglaterra, princípio do século XIII). Fonte: ANÔNIMO. Bodleian Library, Oxford, England, MS. Ashmole 1511, folio 10r.

Era digna a compaixão que o leão tinha pelos cativos, fracos e debilitados: *The Ashmole Bestiary* (princípio do século XIII), Bodleian Library, MS Ashmole 1511, folio 10r; *Rochester Bestiary* (ca. 1230), British Library, Royal MS 12 F. xiii, folio 5v; *Bestiarie de Philippe de Thaon* (século XIII), Merton College Library, MS 249, folio 2r.

Dentre os animais, além do leão, que figuravam nos bestiários com carga simbólica conotativa de motivos crísticos (WHITE, 1984: 21) – como, por exemplo, a fênix, o pelicano e o elefante –, o unicórnio era certamente o mais popular, possuindo uma recorrência figurativa e emblemática, não só no imaginário e na tradição anedótica, mas também na arte e nos motivos decorativos. O repertório que envolvia essa criatura mítica – que havia, ao gosto da cristandade, se revestido dos mais simbólicos motivos místicos – era bastante rico e variado, principalmente porque a sua existência, assim como a de outros animais que a ele se ombreavam em excepcionalidades, era um fato atestado pela mais antiga e autoritativa ancestralidade (BENTON, 1992: 74).

Em iluminuras mais estilizada, o unicórnio era um quadrúpede representado nos bestiários de maneira bastante graciosa e requintada, à semelhança de um elegante corcel branco, possuindo, plantado no meio da testa, entre as orelhas, um longo e esplendoroso chifre, às vezes representado liso ou espiralado. Também era figurado como cabrito ou semelhante a um urso ou leão.

Assim como no caso do leão, para caracterizar a representação da nobreza cristológica do unicórnio, foi utilizada nesse estudo a sua referência contida em *The Book of Beasts* [Livro das Bestas], de T. H. White. A descrição do unicórnio no bestiário a seguir, apesar de longa, merece ser transcrita na íntegra para que possam ser examinadas as propriedades da sua natureza, as quais, como no caso do leão, eram consideradas de forma anagógica para representar formas simbólicas do seu tratamento cristológico.

Imagem 7



Uma virgem atrai o unicórnio para o caçador (França, Cambrai, 1270-1275). Fonte: ANÔNIMO, *De Natura Animalium*. Bibliothèque Municipale de Douai, Douai, France, MS 711, Folio 4r.

UNICORNIS is the Unicorn, which is also called Rhinoceros by the Greeks, is of the following nature. He is a very small animal like a kid, excessively swift, with one horn in the middle of his forehead, and no Hunter can catch him. But he can be trapped by the following stratagem. A virgin girl is led to where he lurks, and there she is sent off by herself into the wood. He soon leaps into her lap when he sees her, and embraces her, and hence he gets caught. Our Lord Jesus Christ is also a Unicorn spiritually, about whom it is Said: 'And he was beloved like the Son of the Unicorns'. And in another psalm: 'He hath raised up a horn of salvation for us in the house of his son David'. The fact that it has just one horn on its head means what he himself said: 'I and the Father are one'. Also, according to the Apostle: 'The head of Christ is the Lord'. It says that he is very swift because neither Principalities, nor Powers, nor Thrones, nor Dominations could keep up with him, nor could Hell contain him, nor could the most subtle Devil prevail to catch or comprehend him; but, by the sole will of the Father, he came down into the virgin womb for our salvation. It is described as a tinny animal on account of the lowliness of his incarnation, as he Said himself: 'Learn from me, because I am mild and lowly of heart'. It is like a ki dor scapegoat because the Saviour himself was made in the likeness of

sinful flesh, and from sin he condemned him. The unicorn often fights with elephants, and conquers them by wounding them in the belly.³

Conforme pode ser observado, o motivo fundamental da nobreza cristológica do unicórnio era a sua suprema natureza divina, formando com Deus uma só entidade soberana. Representava a descida da excelsitude etérea e divina para o ífero e humano. Através da Encarnação no ventre da Virgem Maria, e atendendo ao gosto medieval cristão da *humilitas formula* (forma de humildade), o unicórnio cumpria o princípio mais caro contido na simbologia dos animais do bestiário: a edificação moral em função da Salvação. Daí o símbolo sagrado do seu único chifre que, provindo da tradição hebraica, era transformado em instrumento de sopro para acordar e inspirar a Alma para a sua ligação com Deus, com franqueza de coração, arrependimento e humildade.

Portanto, a realeza e a magnanimidade do unicórnio, diferente da do leão, que tem recorrência ao natural, era nitidamente mítica e de valores transcendentais. Assim, os aspectos de nobreza desses dois animais cristológicos, sem se desmerecem nem anularem um ao outro, complementavam-se: o leão por representar o Cristo na sua majestade altaneira e o unicórnio por representar o Salvador na sua doçura e humildade de coração. Mas ambos estão ligados intimamente ao motivo da ressurreição para uma nova vida, além da morte.

Simbolizando o tema da Encarnação e da Morte de Cristo para a salvação da humanidade, a fabulação do unicórnio era toda ela uma verdadeira alegoria, cujo âmago revelava o sentido sacrificial de Deus-feito-homem para, perseguido pelo Demônio, ser lancetado e morto. De forma incomum, no *Der Naturen Bloeme*, um bestiário que se encontra na Koninklijke Bibliotheek, MS KB, 76 E 4, a virgem foi retratada com um espelho na mão, podendo isso

³ Tradução livre: “UNICORNIS é o Unicórnio, que também é chamado Rinoceronte pelos gregos, é da seguinte natureza. Ele é um animal muito pequeno como a um cabrito, excessivamente rápido, com um chifre no meio da sua testa, e nenhum caçador pode apanhá-lo. Mas ele pode ser aprisionado por meio do seguinte estratagem. Uma moça virgem é conduzida para o local onde ele espreitado, e lá ela é enviada sozinha para dentro da floresta. Ele logo salta para o seu colo quando ele a vê, e abraça-a, e daí ele é apanhado. Nosso Senhor Jesus Cristo é também um unicórnio espiritualmente, sobre quem é dito: ‘E ele foi amado como o Filho dos Unicórnios’. E em outro salmo: ‘Ele criou um chifre de salvação para nós na casa do seu filho Davi’. O fato de ele ter apenas um chifre na sua cabeça significa o que ele mesmo disse: ‘Eu e o Pai somos Um’. Também, de acordo com o Apóstolo: ‘A cabeça do Cristo é o Senhor’. É dito que ele é muito rápido porque nem Principados, Poderes, Tronos e Dominações podem acompanhá-lo, nem o Inferno pode detê-lo, nem o mais sutil Demônio pode prevalecer em agarrá-lo ou abarcá-lo; mas, somente pela vontade do Pai, ele desceu até o ventre da virgem para a nossa salvação. Ele é descrito como um pequenino animal devido à humildade da sua encarnação, e ele próprio disse: ‘Aprenda através de mim, porque eu sou doce e humilde de coração’. Ele é como a um cabrito ou bode porque o próprio Salvador foi feito à semelhança da carne pecadora, e do pecado ele condenou o pecado. O Unicórnio frequentemente luta com efantes, e os conquista ferindo-lhes na barriga.”

querer indicar a vaidade sedutora ou mesmo hipócrita, cujo motivo faz lembrar a atuação da sereia. Nesse caso, o próprio motivo da Encarnação sucumbia à simbologia corrupta do Mal.

Imagem 8



Virgem e espelho como símbolo da vaidade e sedução que capturava o unicórnio (Amiens, 1323). Fonte: ANÔNIMO. Koninklijke Bibliotheek, Hague, Netherlands, KB, 78 D 40, folio 9r.

As características do unicórnio possuíam poucas variações nos diferentes bestiários. Entretanto, merecem ser aqui referidos os seguintes manuscritos que tratam de forma exemplar o animal:

De Natura Animalium (1270-1275), Bibliothèque Municipale de Douai, MS 711, folio 4r; *Bestiaire de Guillaume le Clerc* (final do século XIII), Bibliothèque Nationale de France, fr. 1444b, folio 246v; *Bestiaire d'Amour / Aesop's Fables*, de Richard de Fournival (1325-1350), Bibliothèque Nationale de France, fr. 15213, folio 74v; *Bestiaire d'Amour*, de Richard de Fournival (séculos XIII e XIV), Bibliothèque Nationale de France, fr. 1951, folio 14r; *Bestiary* (princípio do século XIV), Bibliothèque Nationale de France, lat. 10448, folio 118v; *Bestiaire* (ca. 1250-1260), Bibliothèque Nationale de France, lat. 14429, folio 110v; *Bestiary* (terceiro quartel do século XIII), Bibliothèque Nationale de France, lat. 3630, folio 76v; *Bestiaire* (século XIII), Bibliothèque Nationale de France, lat. 6838B, folio 3v; *Percy Psalter* (1280-1290), British Library, Additional MS 70000, folio 55r; *Harley Bestiary* (ca. 1230-1240), British Library, Harley MS 4751, folio 6v; *Smithfield Decretals* (1330-1340), British Library, Royal MS 10 E. iv, folio 157r; *Rochester Bestiary* (ca. 1230), British Library, Royal MS 12 F. xiii, folio 10v; *The Queen Mary Psalter* (ca. 1310-1320), British Library, Royal MS 2 B. vii, folios 100v, 101r; *Aviarium / Dicta Chrysostomi*, de Hugo de Folieto, British Library, Sloane MS 278, folio 46r; *Bestiary* (1220-1230), Fitzwilliam Museum, MS 254, folio 17r; *Bestiarius – Bestiary of Ann Walsh* (século XV), Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 1633 4^o, folio 5v; *Bestiaire* (ca.

1300), Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 3466 8º, folio 15r; *Der Naturen Bloeme* de Jacob van Maerlant (ca. 1450-1500), Koninklijke Bibliotheek, KB, 76 E 4, folio 34r; *Festal Missal*, de Petrus de Raimbaucourt (1323), Koninklijke Bibliotheek, KB, 78 D 40, folios 9r, 41r e 149v; *Der Naturen Bloeme*, de Jacob van Maerlant (ca. 1350), Koninklijke Bibliotheek, KB, KA 16, folio 63r; *Bestiaire de Philippe de Thaon* (século XIII), Merton College Library, MS. 249, folio 3r; *Bestiary* (ca. 1450), Museum Meermanno, MMW, 10 B 25, folio 4v.

Um interessante aspecto acerca do unicórnio era que alguns bestiários comentavam que os gregos antigos a ele se referiam como sendo o *rhinoceros* ou *monoceros* (i. é., o rinoceronte) encontrados principalmente na África. Isso provava o fato de que a notícia de um desconhecido animal real existente em algum lugar – detectada por autoridades, estudiosos da natureza, antigos ou contemporâneos, ou mesmo testemunhada em relatos de viajantes – , podia, muito frequentemente, fornecer aos bestiários elementos para a elaboração imaginativa de um novo animal, operando-se, desse modo, uma verdadeira ficcionalização, a qual se tornava tanto mais justificável quando a realidade desse novo ser criado servia a propósitos do imaginário simbólico.

Essa base empírica – que, não raras vezes, instruía proto-cientificamente a composição dos animais bestiários, mesmo os mais fabulosamente engendrados – fundamentava-se em possíveis informações reais, resultando-se, assim, a existência de tais criaturas de uma simples reelaboração desejosa. A presença de uma possível base real, subjacente à elaboração de criaturas bestiárias como essas, levou especialistas na matéria a considerarem os bestiários como trabalho sério de história natural, considerados como uma das fontes sobre a qual importantes conhecimentos de biologia receberam substancial fundamentação (WHITE, 1984: 197; 248-61 e *passim*).

Com a chegada do fim do período medieval, foi inevitável, apesar de relutante, uma definitiva mudança nos termos conceituais tradicionalmente adotados para a visão da natureza. Entretanto, como acontece com culturas paradigmaticamente radicais como a medieval, tal mudança de atitudes e de métodos de conhecimento não se verificou sem a manifestação de certas recrudescências características de períodos de transição dialética, como foi o da passagem da Idade Média para a Moderna.

Devido ao progresso do conhecimento em direção a uma zoologia mais científica do que a contida nos bestiários, com a presença de notáveis estudiosos da zoologia, como Konrad Gesner (1516-1565) e Ulisse Aldrovandi (1522-1605), dúvidas mais decisivas começaram a surgir a respeito

da validade do conhecimento divulgado pela tradicional zoologia dos bestiários e das histórias naturais da Idade Média. Nessa contenda, Sir Thomas Browne (1605-1682) encontrava-se entre aqueles indivíduos de espírito já caracteristicamente mais moderno, questionando não só as características imaginárias e fabulosas dos animais, mas também das criaturas francamente fictícias desses livros (ROBINSON, 1961: 12).

Entretanto, essa incipiente desconsideração dos princípios dos tempos modernos pela ficcionalidade bestiária não parecia estar fadada a uma repercussão realmente geral. Foi somente no final do século XVII que a crença confessada em criaturas fabulosas começou a arrefecer na Europa. Já no século seguinte haveria de extinguir-se, passando para a memória da história das idéias.

Fontes

Sobre o Leão

ANÔNIMO. Bestiaire. Germany, Bavaria: Bibliothèque Nationale de France, lat. 10448, princípio do século XIV.

ANÔNIMO. Bestiaire. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, lat. 6838B, século XIII.

ANÔNIMO. *The Ashmole Bestiary*. England, Oxford: University of Oxford, Bodleian Library, MS Ashmole 1511, princípio do século XIII.

ANÔNIMO. Bestiary. London: British Library, Sloane MS 1975, ca. 1190-1200.

ANÔNIMO. Bestiaire. Netherlands, Hague: Museum Meermanno, MMW, 10 B 25, ca. 1450.

ANÔNIMO. Bestiary. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, lat. 3630, terceiro quartel do século XIII.

ANÔNIMO. *The Queen Mary Psalter*. England, London: British Library, Royal MS 2 B. vii, ca. 1310-1320.

ANÔNIMO. *The Bern Physiologus*. Switzerland, Bern, Bibliothèque de La Bourgeoisie de Berne (Burgerbibliothek Bern): Codex Bongarsianus 318, ca. 825-850.

ANÔNIMO. *Rochester Bestiary*. England, London: British Library, Royal MS 12 F. xiii, ca. 1230.

ANÔNIMO. *Bestiarius Bestiary of Ann Walsh*. Denmark, Copenhagen: Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 1633 4º, século XV.

ANÔNIMO. Bestiary. England, Oxford, University of Oxford: Bodleian Library, MS Laud Misc. 247, ca. 1110-1130.

ANÔNIMO. *Percy Psalter*. England, London: British Library, Additional MS 70000, ca. 1280-1290.

ANÔNIMO. Bestiary. England, London: British Library, Royal MS 12 C. xix, ca. 1200-1210.

ANÔNIMO. Bestiaire. England, London: British Library, Sloane MS 3544, século XIII.

ANÔNIMO. *The Worksop Bestiary*. Usa, New York: Morgan Library, MS M.81, ca. 1185.

- ANÔNIMO. *Bestiary*. Russian Federation, St Petersburg: Rossiiskaia Natsionalnaia Biblioteka, Q.v.V. 1, século XII.
- BARTHOLOMEUS ANGLICUS. *Livre de Propriétés des Choses*. California, San Marino: Huntington Library, HM 27523, século XV.
- CONSALUS PONCE DE LEON. *Sancti Patris nostri Epiphani, episcopi Constantiae Cypri, Ad Physiologum*. Antwerp: Ex Officina Christophori Plantini, 1588.
- GUILLAUME LE CLERC, *Bestiary of Guillaume Le Clerc*. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, fr. 1444b, fim do século XIII.
- HUGO DE FOUILLOY. *Bestiary / Aviarium*. California, Los Angeles: J. Paul Getty Museum, MS Ludwig XV 3, 1270.
- JACOB VAN MAERLANT. *Der Naturen Bloeme*. Netherlands, Hague: Koninklijke Bibliotheek, KB, KA 16, ca. 1350.
- PHILIPPE DE THAON. *Bestiary*. Denmark, Copenhagen: Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 3466 8º, ca. 1300.
- PHILIPPE DE THAON. *Bestiaire*. England, Oxford, University of Oxford: Merton College Library, MS 249, século XIII.
- PSEUDO-APULEIUS / SEXTUS PLACITUS. *Herbarius / De medicamentis ex animalibus*. Netherlands, Hague: Museum Meermanno, MMW, 10 D 7, ca. 900-1000.
- RICHARD DE FOURNIVAL. *Bestiaire d'Amour*. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, fr. 1951, séculos XIII-XIV.

Sobre o Unicórnio

- ANÔNIMO. *De Natura Animalium*. France, Douai: Bibliothèque Municipale de Douai, MS 711, 1270-1275.
- ANÔNIMO. *Bestiary*. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, lat. 10448, princípio do século XIV.
- ANÔNIMO. *Bestiaire*. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, lat. 14429, ca. 1250-1260.
- ANÔNIMO. *Bestiary*. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, lat. 3630, terceiro quartel do século XIII.
- ANÔNIMO. *Bestiaire*. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, lat. 6838B, século XIII.
- ANÔNIMO. *Percy Psalter*. England, London: British Library, Additional MS 70000, ca. 1280-1290.
- ANÔNIMO. *Harley Bestiary*. England, London: British Library, Harley MS 4751, ca. 1230-1240.
- ANÔNIMO. *Smithfield Decretals*. England, London: British Library, Royal MS 10 E. iv, 1330-1340.
- ANÔNIMO. *Rochester Bestiary*. England, Londn: British Library, Royal MS 12 F. xiii, ca. 1230.
- ANÔNIMO. *The Queen Mary Psalter*. England, London: British Library, Royal MS 2 B. vii, ca. 1310-1320.
- ANÔNIMO. *Bestiary*. England, Cambridge, University of Cambridge: Fitzwilliam Museum, MS 254, 1220-1230.
- ANÔNIMO. *Bestiarius Bestiary of Ann Walsh*. Denmark, Copenhagen: Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 1633 4º, século XV.
- ANÔNIMO. *Bestiaire*. Netherlands, Hague: Museum Meermanno, MMW, 10 B 25, ca. 1450.

- GUILLAUME LE CLERC. *Bestiaire of Guillaume le Clerc*. France, Douai: Bibliothèque Nationale de France, fr. 1444b, fim do século XIII.
- HUGO DE FOLIETO. *Aviarius / Dicta Chrysostomi*. England, London: British Library, Sloane MS 278, 1280-1300.
- JACOB VAN MAERLANT. *Der Naturen Bloeme*. Netherlands, Hague: Koninklijke Bibliotheek, KB, 76 E 4, ca. 1450-1500.
- JACOB VAN MAERLANT. *Der Naturen Bloeme*. Netherlands, Hague: Koninklijke Bibliotheek, KB, KA 16, ca. 1350.
- PETRUS RAIMBAUCOURT. *Festal Missal*. Netherlands, Hague: Koninklijke Bibliotheek, KB, 78 D 40, 1323.
- PHILIPPE DE THAON. *Bestiaire*. Denmark, Copenhagen: Kongelige Bibliotek, Gl. kgl. S. 3466 8º, ca. 1300.
- PHILIPPE DE THAON. *Bestiaire*. England, Oxford, University of Oxford: Merton College Library, MS. 249, século XIII.
- RICHARD DE FOURNIVAL. *Bestiaire d'Amour / Aesop's Fables*. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, fr. 15213, 1325-1350.
- RICHARD DE FOURNIVAL. *Bestiaire d'Amour*. France, Paris: Bibliothèque Nationale de France, fr. 1951, séculos XIII-XIV.

Bibliografia

- ALBERT THE GREAT. Man and the Beasts. In: Albert the Great. *De animalibus*. Trans. James J. Scanlan. Binghamton, N. Y.: Medieval and Renaissance Text and Studies, 1987, v. 2, bk. 1.
- AMBROSE, St. On faith and resurrection. In: Saint Gregory Naziansen and Saint Ambrose. *Funeral orations by Saint Gregory Nazianzen and Saint Ambrose*. Trans. Leo P. McCauley et al. Washington, D. C.: Catholic University of America Press, 1953.
- AQUINAS, St Thomas, *Summa theologiae*. Trans. English Dominican Fathers. New York: Benzigen Bros., 1947.
- BENTON, Janetta R. *The medieval menagerie: animals in the art of the Middle Ages*. New York: Abeville Press, 1992.
- CLAIR, Colin. *Unnatural history: An illustrated bestiary*. New York: Abelard-Schumann, 1967.
- CLARK, Willene et al. *Beasts and birds of the Middle Ages*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.
- COOK, Albert S. *The Old English Physiologus*. New Haven: Yale University Press, 1921.
- DAVY, M. *Initiation a la symbolique romane*. Paris, 1964.
- ECO, Umberto. *Art and beauty in the Middle Ages*. New Haven: Yale University Press, 1986.
- _____. *Arte e beleza na estética medieval*. Trad. Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1989.
- ERICKSON, Carolly. *The medieval vision: essays in history and perception*. New York: Oxford University Press, 1976.
- FONSECA, Pedro. Pero Vaz de Caminha e a Carta de 'Achamento' do Brasil: ideário e estratégias narrativas confrontados em Colombo. *Luso-Brasílian Review*, Madison (Wisconsin, USA), v. 33, nº 1, 1996, p. 99-120.
- FRIEDMAN, John B. *The monstrous races in medieval art and thought*. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, 1981.

GAZDARU, Demetrio. *Vestigios de bestiarios medievales en las literaturas hispánicas e iberoamericanas* Romanistische Jahrbuch, XXII, 1971.

GENESIS, 1: 28. In *Biblia Sagrada*.

HUIZING, Johan. *The waning of the Middle Ages*. Trans. F. Hopman. New York: Anchor Books Doubleday, 1954.

JAMES, M. R. *The Bestiary*: Being a reproduction in full of Ms. li 4. 26 in the University Library, Cambridge, with supplementary plates from other bestiaries of English origin, and a preliminary study of the Latin bestiary as current in England. Oxford: Roxburghe Club, 1928.

JOB, 12: 7-8. In *Biblia Sagrada*.

LEWIS, C. S. *A imagen do munda*. Barcelona, 1980. MCCULLOCH, Florence. *Medieval French and Latin bestiaries*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1962.

ROBINSON, Margaret W. *Fictitious beasts*: a bibliografy. London: The Library Association, 1961. WHITE, T. H. *The book of beasts*. Being a translation from a Latin bestiary of the twelfth century made and edited by T. H. White. New York: G. P. Putnam's Sons, 1984.